



Save the Children

MOÇAMBIQUE

**AMPLIFICANDO AS VOZES
DAS CRIANÇAS REGRESSADAS*
EM MACOMIA E PALMA, CABO DELGADO**

SEUS APELOS PRESENTES E PARA O FUTURO

Novembro 2023



Foto: Crianças participantes dos grupos focais de discussão

INTRODUÇÃO

O papel da Save the Children como organização dos direitos da criança é ser a voz das e com as crianças

Em Maio de 2021, lançamos o relatório **“Ouvindo a Voz das Crianças de Cabo Delgado, Moçambique”**, a primeira análise abrangente da vida de crianças deslocadas, detalhando os desafios, medos e as esperanças do seu quotidiano, resultante da terrível violência em Cabo Delgado. Estas constatações reguiaram a nossa própria resposta humanitária e fazemos um apelo ao governo, às agências humanitárias nacionais e internacionais, e aos doadores para assegurarem que as vozes destas crianças também informem suas respostas humanitárias.

Este ano, em Cabo Delgado, uma das características mais distintas do conflito e da crise humanitária em curso é o regresso* de quase 600.000 pessoas, metade das quais crianças, aos seus distritos de origem. Este facto trouxe mudanças profundas a este contexto complexo, com novos desafios e oportunidades.

As crianças regressadas* representam actualmente uma face significativa do conflito, incluindo aquelas que ainda estão deslocadas e a viver nas comunidades acolhedoras. Por este motivo realizámos consultas extensas com 120 raparigas e rapazes, em Macomia e Palma, para ouvir delas sobre os desafios que enfrentam no dia a dia, nas comunidades para onde regressaram, assim como sobre as suas esperanças para o futuro e como acham que a assistência humanitária melhor responde às suas necessidades.



Os resultados mostram que as crianças regressadas* continuam a enfrentar desafios profundos, quer imediatos como de longo prazo, que devem ser abordados na resposta humanitária e na subsequente programação do desenvolvimento.

Esta consulta mostra-nos, mais uma vez, o quão importante é ouvir as crianças. As crianças com quem falámos são extraordinariamente resilientes. Apesar de terem passado por tragédias pessoais e comunitárias indescritíveis, elas têm esperança e sabem o que é melhor para elas.

As meninas e os meninos que consultámos mostraram-se, de um modo geral, positivos em relação ao regresso à Macomia e Palma. Expressaram a sua felicidade por estarem de volta a “casa”, reunidos com os seus familiares e amigos depois de anos de separação, verdadeiramente horríveis e traumatizantes. Falaram de alegria e sensação de alívio por poderem retomar aspectos das suas vidas que tinham interrompido devido à sua deslocação, como ir à escola e machamba. Falam da luta pela alimentação, pelo vestuário e pelos serviços mais básicos.

Mas a verdade é que um grande número destas crianças, especialmente aquelas que encontramos em Macomia, ainda não regressaram ao local onde verdadeiramente viviam

Como resultado da frágil situação de segurança e recentes ataques brutais, as crianças ainda vivem em condições deploráveis. Elas falam de ter que reconstruir suas vidas do zero.

A maior preocupação apresentada pelas crianças que retornaram as suas zonas de origem* é o medo pela sua segurança. A situação de segurança continua delicada e ainda ouvem com frequência tiros durante a noite, reforçando o medo real de terem que fugir novamente. Todas as crianças testemunharam a violência extrema e perderam pais e familiares, afectando o seu bem-estar físico e psicológico. As crianças relataram casos de outras crianças que foram raptadas, enquanto algumas delas conseguiram escapar dos grupos armados não estatais.

As crianças têm ficado profundamente angustiadas com a violência e a agitação e necessitam de uma série de cuidados de saúde mental e apoio psicossocial para as ajudar a recuperar e a se reintegrar. Falam de numerosos casos de de violência física e sexual nas suas comunidades, afectando especialmente as raparigas, sendo a união prematura e a gravidez comuns.



Ao olharem para o futuro, as crianças mencionam necessidades de serviços básicos imediatos, como água potável e documentação civil. Apela especificamente ao investimento na sua educação e nos cuidados de saúde, bem como na segurança alimentar e em meios de subsistência estáveis para as suas famílias.

Em suma, as histórias das crianças regressadas* põem em evidência a necessidade de uma assistência humanitária contínua, e que o conflito trouxe um sofrimento desproporcionado às crianças. Mesmo antes desta crise, Cabo Delgado era o pior lugar para se ser criança em Moçambique. Há uma necessidade crítica de responder às necessidades imediatas das crianças e de criar sistemas funcionais que garantam o acesso contínuo a serviços básicos

Apelamos a toda comunidade, governo, doadores e ao sector privado, para ouvir o que estas crianças* estão a dizer, e agir para as proteger, e ajudá-las a sobreviver hoje, e a prosperar no futuro.

Brechtje van Lith

Directora Geral
Save the Children em Moçambique



O Cluster de Protecção Humanitária sublinha que, embora algumas populações tenham regressado, isso não indica necessariamente que tenha sido alcançada uma solução duradoura, de acordo com o Quadro de Soluções Duradouras do IASC, nem que, em alguns casos, essas pessoas tenham regressado fisicamente ao seu local de residência habitual. Por conseguinte, o Cluster recomenda que o termo regressados inclua um asterisco (*) em reconhecimento destas circunstâncias. (Grupo de Protecção, Glossário de Termos, Norte de Moçambique Áreas Afectadas pelo Conflito no Norte de Moçambique, 19 de Janeiro de 2023).*

COMO CONSULTAMOS AS CRIANÇAS REGRESSADAS* EM MACOMIA E PALMA

Entre 24 de Julho e 1 de Agosto de 2023, a Save the Children realizou uma consulta a 120 crianças (60 meninas e 60 meninos), com idades compreendidas entre os 8 e os 17 anos, nos distritos de Palma (90 crianças, 48 meninas e 42 meninos) no distrito Macomia (30 crianças, 12 meninas e 18 meninos), que regressaram aos seus distritos de origem.. Algumas destas crianças tinham regressado à suas comunidades de origem depois do conflito, outras não, permanecendo ainda em condições muito difíceis. As crianças consultadas regressavam dos distritos de Montepuez (45), Palma (20), Mueda (18) e Pemba (12), onde estiveram acomodadas.

As consultas envolveram uma série de diferentes abordagens qualitativas, incluindo jogos e grupos de discussão para discutir sobre os desafios que estão a enfrentar no local para onde regressaram; as suas esperanças para o futuro; e a forma como os actores humanitários poderiam melhor responder às suas necessidades e aspirações. Os exercícios tiveram lugar em 5 comunidades, 3 no distrito de Palma (Muaha, Ncumbi e Mute) e 2 no distrito de Macomia (Macomia Sede e Xinavane). Infelizmente, não foi possível realizar consultas em todas as comunidades planificadas devido a ataques nas proximidades, e outras restrições associadas ao conflito. A facilitação das consultas foi feita por uma equipa de 5 adultos (2 Mulheres e 3 Homens) em cada um dos distritos, totalizando assim 10 adultos, incluindo 5 funcionários da Save the Children, 2 Facilitadores Comunitários e 3 funcionários do governo, todos técnicos dos gabinetes distritais de Saúde, Mulher e Ação Social (SDSMAS) de Macomia e Palma.

Foram organizados grupos de discussão separados para raparigas e rapazes. As sessões foram conduzidas nas línguas locais e envolviam desenho, movimento e fala para evitar a necessidade de competências de leitura ou escrita nas crianças. Todas as sessões observaram procedimentos rigorosos de proteção das crianças, incluindo a participação voluntária e informada, bem como o consentimento dos pais ou encarregados de educação.

As sessões começaram com o mapeamento de vias de encaminhamento seguras para a proteção da criança. Para evitar que os participantes tivessem de reviver experiências traumáticas, o exercício evitou perguntas sobre o que tinham sofrido nas suas vidas, assim como foram envolvidas em actividades lúdicas e desenho. Durante as sessões, cinco crianças (3 raparigas e 2 rapazes) foram referidas imediatamente ao tratamento de primeiros socorros psicológicos mediante constatações de traumas que apresentaram durante as sessões.

Os nomes das crianças citados neste relatório foram alterados, portanto não são verdadeiros, para manter a confidencialidade como forma de salvaguarda as crianças consultadas, e as declarações das crianças não foram verificadas.

“
Estou feliz porque pude regressar a minha casa, era difícil viver onde estávamos.
-Alda*, 15, Macomia Sede

“
Quando houve ataques em Palma, nós fugimos. Agora sinto-me bem para voltar para a minha casa, brincar e estudar.
-Faira*, 13, Muaha

“
A guerra é algo horrível e doloroso, vimos pessoas que conhecemos a serem mortas, por isso fugimos. Quando há paz, é sempre melhor. Muitos de nós regressámos, alguns ainda permanecem lá.
-Artur*, 17, Xinavane

“
Gosto de estar com a minha a minha família novamente, antes nós fomos separados
-Helio*, 17, Muaha

“
As nossas casas foram destruídas pelo ciclone [Kenneth], os nossos pais estavam a tentar reconstruir, mas os "insurgentes" destruíram-nas novamente
-Júlio*, 16, Macomia Sede

Foto: Crianças fazendo representação da sua comunidade de sonho através do desenho



PRINCIPAIS MENSAGENS DE ADVOCACIA DAS CRIANÇAS

01

Os regressados*, especialmente as crianças, devem continuar a ser uma prioridade para a resposta humanitária em curso e para a programação nexos em Cabo Delgado

As crianças assistiram à destruição generalizada de casas, escolas e instalações de saúde nas zonas para onde regressaram. Precisam de apoio inicial e acesso a serviços básicos (incluindo documentos de identificação) para que possam reconstruir as suas vidas.

“
Assim que regressámos, encontrámos as nossas casas destruídas.

”
-Célia*, 13, Muaha

“
Até o nosso hospital foi destruído por esta guerra, agora está a funcionar em tendas.

”
-Júlio*, 16, Macomia Sede

02

Dar prioridade à saúde mental e ao apoio psicossocial às crianças (SMAPS)

Algumas crianças mostram sinais de estresse psicológico devido às experiências traumáticas que carregam, bem como ao conflito em curso no seu ambiente directo. Eles têm medo de muitas coisas - incluindo novos ataques, bem como a falta de habitação e de alimentos - o que aumenta o seu estresse. São necessárias intervenções de base comunitária, bem como serviços especializados de SMAPS, para os ajudar a lidar com estas experiências e a desenvolver mecanismos de sobrevivência à medida que avançam.

03

Responder às necessidades específicas das crianças desmobilizadas ou as que escaparam de grupos armados

As crianças consultadas eram ou conheciam outras que tinham sido raptadas, enquanto algumas tinham fugido de grupos armados. Estas crianças têm uma necessidade crítica de apoio de SMAPS e de reintegração com as suas famílias e comunidades. As crianças também pedem programas para adolescentes para prevenir o recrutamento de crianças.

“
Não gosto de ver aviões e helicópteros, a sobrevoar a nossa comunidade, fazem-me lembrar a altura em que houve um ataque e tivemos de fugir daqui.

”
-António, 15, Macomia Sede

“
Eu não gosto de armas ou de ver homens com armas, porque eles mataram o meu pai.

”
-Josefa*, 15, Mute

“
Os tiros ainda acontecem aqui em Mute, alguns deles são disparados por alguns homens da força local quando estão bêbados e isso assusta-nos.

”
-Célia*, 14, Mute

04

São necessárias acções urgentes para prevenir e responder às uniões prematuras

As crianças estão alarmadas pelo elevado número de outras crianças nas suas comunidades que são forçadas a se casarem e aquelas que já tem filhos. As meninas são comumente forçadas a se casarem pelos seus pais, incluindo, tal como elas dizem, com membros de forças armadas ou comerciantes. Fazem isto como estratégia de sobrevivência. As meninas necessitam urgentemente de serem protegidas contra uniões prematuras e da gravidez precoce.

“
Nós não gostamos de pais
que empurram suas filhas ao
casamento enquanto são
crianças.”

-Josefa II*, 15, Muaha

“
Há muitos casos de meninas
sendo forçadas pelas suas
famílias a se casarem
enquanto ainda são menores
de idade.”

-Lira*, 13, Muaha

05

Deve ser dada atenção à generalizada Violência Contra Crianças (VCC)

As meninas e meninos regressados* falam sobre a violência física, assédio e o abuso sexual que diariamente têm sofrido nas suas famílias e escolas. É necessário investimento urgente para prevenir a violência contra as crianças e provisão de apoio abrangente centrado na criança para aquelas que são sobreviventes da VBG, incluindo cuidados médicos, apoio psicossocial, cuidados de protecção e serviços de apoio legal. Os castigos corporais nas escolas e nas famílias devem acabar e é urgente introduzir abordagens de parentalidade positiva.

“
As crianças são batidas
na estrada, na escola e
em casa.”

-Maria*, 13, Macomia
Sede

“
Meu pai sempre me
bate, e meu professor
também.”

-Osvaldo*, 11, Mute



06

Investimento urgente é necessário para assegurar o acesso e educação de qualidade

As meninas e meninos expressaram o desejo de continuar com seus estudos. Mas exigem mais segurança e ambientes escolares mais amigos das crianças. Solicitam mais apoio em termos de material escolar. Eles também veem muitas outras crianças fora da escola enfrentando barreiras para regressarem a escola. O retorno à uma educação de qualidade é fundamental para as crianças,



“
Não gosto de ver crianças sem ir a escola
-Aldo*, 15, Xinavane
”

07

O investimento em programas agrícolas e de geração de renda é fundamental para criar a subsistência das famílias e assegurar a segurança alimentar

A maioria das famílias das crianças consultadas em Macomia e Palma, normalmente dependem da pesca, da produção agrícola ou da pecuária para a sua subsistência, mas estes têm sido prejudicados pelo conflito. Se eles receberem insumos iniciais adequados, serem equipados com habilidades e apoio necessários, estas famílias serão capazes de produzir os seus próprios alimentos e gerar sua própria renda

“
Existem crianças que não vão a escola por que estão com fome.
-Joana*, 14, Macomia Sede
”

“
Queremos ter acesso a nossas machambas para podermos produzir nossa própria comida como antes fazíamos.
-Vitorino*, 14, Macomia Sede
”

BREVE VISÃO DO CONFLITO EM CABO DELGADO

Outubro 2017

NGrupos Armados Não-Estatais (GANE) iniciam com lançamento de ataques agressivos contra civis na província nortenha de Cabo Delgado

Em 2021

Envio da Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique e das Forças de Defesa do Ruanda, para se juntarem às Forças de Defesa de Moçambique em 2021 e dispersão dos GANES

Março 2023

TO conflito em Cabo Delgado entra num período de calma relativa embora os ataques a civis e com Dispositivos Explosivos Improvisados (DEI) continuaram

Outubro 2023

Um crescente número de Deslocados Internos que regressa aos seus distritos de origem (embora muitos deles não retornam as suas áreas de residência) devido a um pequeno período de relativa calma no qual os ataques estiveram focalizados às forças armadas. Agora os GANES retomaram ataques a aldeias e civis, com quase ataques severos diários que são reportados, principalmente nos distritos de Mocimboa da Praia, Macomia e Muidumbe.

Setembro 2020

Intensificação do conflito em Cabo Delgado com reportes de elevada violência contra civis, incluindo violência sexual, decapitações e raptos

Em 2022

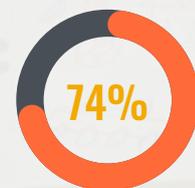
Os GANES adoptam operações numa área geográfica mais extensa e também adoptam uma maior diversificação de mistura de táticas operativas

É crucial notar que muitos Deslocados Internos foram desalojados múltiplas vezes e têm sido expostos à um ciclo de extrema e premeditada violência. Devido a continuação da violência e baixo acesso a serviços e meios de subsistência, novos desalojamentos estão a acontecer

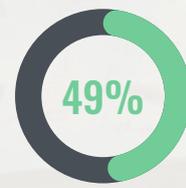
ESTATÍSTICAS-CHAVE

Na zona norte de Moçambique, até Agosto de 2023, o conflito levou ao deslocamento de acima de **1.4 milhões** de pessoas

 **850.599**
são Deslocados Internos



dos Deslocados Internos estão em Cabo Delgado



de todos os regressados* são crianças

 **571.468**
são regressados*

Mocimboa da Praia
176.174
pessoas



Palma
116.016
pessoas



Muidumbe
58.887
pessoas



Os 3 distritos de Cabo Delgado que mais acolhem regressados*

O QUÊ QUE AS CRIANÇAS REGRESSADAS* DIZEM SOBRE A PROTECÇÃO A CRIANÇA E SEGURANÇA

As crianças regressadas* expressaram suas preocupações relacionadas à segurança. Em ambos distritos mencionaram que suas casas foram destruídas neste conflito, contudo existem alguns que puderam regressar e reconstruíram suas casas. Violência física e sexual, incluindo contra idosos e violência contra crianças também tem ocorrido durante o período do recolher obrigatório.

No Distrito de Macomia, antes dos ataques armados nas comunidades, o distrito foi atingido pelo Ciclone Kenneth, que devastou muitas famílias, casas e produção agrícola. Depois de uma longa jornada de recuperação as comunidades foram mais uma vez atingidas pelos ataques armados perpetrados pelos GANE. As uniões prematuras estão a causar uma preocupação particular das crianças regressadas* que sublinharam ser um dos principais problemas que afectam meninas nas suas comunidades .

Algumas meninas acabam namorando ou casando-se com soldados que operam na zona

-Berta*, 15, Macomia Sede

Muitas meninas deixam de estudar para se casarem, outras fazem-no porque ficaram grávidas

-Alda*, 15, Macomia, Sede

Quando meninas se casam sendo crianças, seus maridos lhes proíbem de ir a escola ou não acreditam que elas têm ido a escola por alegarem que elas se envolvem com outros homens, sendo por isso que lhes mandam de pararem de ir a escola.

-Joana II*, 17, Muaha

Aqui na nossa comunidade existem muitas meninas que foram grávidas principalmente por homens mais velhos, casos de comerciantes, que oferecem coisas às meninas para se envolverem com elas. Quando as meninas se recusam de se envolver com eles, estes homens nos ameaçam e nos insultam.

-Teresa*, 16, Mute

O governo deve acabar com esta guerra, estamos a sofrer

-Paulo*, 12, Xinavane

AS CRIANÇAS TÊM O DIREITO DE VIVER LIVRES DA VIOLÊNCIA

Algumas crianças que regressaram aos locais com relativa paz expressaram a sua alegria por se sentirem um pouco mais seguras nas suas comunidades. As crianças agradecem porque estão novamente com seus amigos e reunidas com suas famílias.

No entanto, para outras crianças regressadas* tem sido difícil adaptar-se a comunidade de acolhimento devido às dificuldades que enfrentam no acesso aos serviços básicos, embora as comunidades as tenham acolhido na maioria das áreas.

“ Eu gostaria que eles não me batessem mais. ”

-Teresa & Mafalda, 16, Xinavane

“ Não gosto de guerra e quando as pessoas me batem. Minha avó sempre me bate. ”

-Manuel*, 9, Xinavane

“ Vimos meninos sendo abusados sexualmente na comunidade. ”

-Mafalda, 15, Macomia Sede

“ Quando vamos apresentar ou corrigir nosso trabalho ao lado do professor, ele fala coisas e nos olha com estranheza. ”

-Célia II*, 13, Mute

“ Alguns pais batem nos filhos se estes não terminam as tarefas domésticas. ”

-Berta*, 15, Macomia Sede

O QUÊ AS CRIANÇAS REGRESSADAS* DIZEM SOBRE A EDUCAÇÃO

As raparigas estão particularmente preocupadas com a prevalência do assédio sexual por parte de professores e membros da comunidade quando se deslocam de um lado para outro. Várias raparigas afirmaram ter sofrido assédio sexual ou testemunhado este facto a ser perpetrado contra outras raparigas. As crianças disseram que quando denunciam isto aos seus pais ou às escolas, as suas alegações não são levadas a sério ou não são seguidas por medo de represálias.

No distrito de Palma existe apenas uma escola secundária, que fica localizada a 6 km de Ncumbi e a 37 km de Mute. As crianças disseram que os seus pais não podem pagar os custos diários de transporte nem os custos de alojamento para as crianças residirem na capital do distrito. Como resultado disso, as crianças estão abandonando a escola. A maioria acaba ficando em casa, passando a maior parte do tempo envolvida nas tarefas domésticas, trabalhando na lavoura, exposta a muitos riscos

Algumas crianças regressadas* manifestaram grande satisfação por terem podido regressar à escola, encontrando muitos dos seus amigos num ambiente que consideram relativamente pacífico. Eles veem a escola como um espaço para sonhar e se desenvolver.



AS CRIANÇAS TÊM O DIREITO À UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

“
Gosto muito de estudar,
quero ser médica para
ajudar pessoas que estão
doentes na minha região.
”

-Victoria*, 15, Muaha

“
Tentamos relatar essas
coisas aos nossos pais,
mas eles não acreditam
em nós e nos culpam por
termos uma atitude ruim.
”

-Maria*, 12, Mute

“
Não gosto de ver
professores chegando
bêbados na escola.
”

-André*, 15,
Xinavane

“
Gosto de estudar para
poder ter um bom
futuro, ter um emprego
e uma vida melhor com
minha família.
”

-Gito*, 14, Mute

“
Voltar para a escola era
uma das minhas rotinas
diárias que sentia falta.
”

-Otilia*, 13, Mute

“
Minha escola não tem
lugar para brincarmos.
”

-Luís*, 17, Muaha

“
Reabilitar os banheiros da
nossa escola, eles não estão
bons, tem muita coisa
quebrada.
”

-Antonio*, 15,
Macomia Sede

“
Não temos bolas ou
outros materiais para
brincar.
”

-Vitorino*, 14,
Macomia Sede

O QUÊ AS CRIANÇAS REGRESSADAS* DIZEM SOBRE CUIDADOS DE SAÚDE, SANEAMENTO E ALIMENTAÇÃO

O acesso aos serviços de saúde e à água potável estava entre as preocupações das crianças regressadas*. As crianças disseram que era difícil conseguir cuidados médicos porque os centros de saúde ficavam muito longe. Propuseram bicicletas ou ambulâncias para ajudá-los a aceder aos serviços de saúde. Aqueles que receberam atendimento reclamaram da baixa qualidade de serviços nas unidades hospitalares. Vários centros de saúde foram destruídos devido ao conflito, afectando fortemente a disponibilidade e a qualidade dos serviços de saúde.

As crianças também falaram da satisfação de voltarem a fazer as refeições regularmente com as suas famílias, sublinhando que quando estavam deslocadas internamente enfrentavam mais desafios para conseguirem comer e beber água potável. Isto acontecia porque não tinham acesso à terra e, portanto, não podiam produzir os seus próprios alimentos e tinham poucas outras fontes de rendimento.

Ao olharem para o futuro, muitas das crianças apelam a um apoio de recuperação a longo prazo – para investir na sua educação e em serviços básicos como água e segurança alimentar e de meios de subsistência para as suas famílias.

“ Não gosto de ir para o hospital porque os enfermeiros não cuidam bem de nós, eles apenas conversam connosco e não fazem o diagnóstico para dar o medicamento. ”

-Teresa*, 12, Muaha

“ Falta comida em casa porque não vamos para o campo para fazemos a lavoura, é muito perigoso ir para lá. ”

-Félix*, 16, Macomia Sede

“ Agora podemos comer a nossa comida, porque onde estávamos quando fugimos, enfrentámos muitas dificuldades para poder comer e beber água limpa. ”

-Celia*, 13, Mute

“ Há falta de água, muitos furos estão danificados e partidos, alguns idosos caem no caminho porque o local onde vamos buscar água é muito longe. ”

-Júlio*, 14, Mute

“ Agora podemos fazer as nossas refeições com mais frequência, o que não podíamos quando estávamos deslocados. ”

-Maria*, 13, Macomia Sede



O COMPROMISSO DA SAVE THE CHILDREN

A Save the Children tem o compromisso de consultar e ouvir directamente as crianças sobre questões que afectam suas vidas. A Save the Children conduziu este exercício para obter uma compreensão mais profunda das questões que são importantes para as crianças que regressaram* às suas distritos de origem em Cabo Delgado. As crianças, independentemente das circunstâncias, têm deveres e direitos, e devem ser participantes activos na tomada de decisões que moldam o seu futuro, em vez de beneficiários sem voz dos esforços de assistência.

Para nós, este exercício não termina com a divulgação deste relatório. Continuamos comprometidos com:

- Usar as vozes dessas crianças para informar as decisões, o desenho e a planificação das intervenções humanitárias da Save the Children, de nexos e intervenções de desenvolvimento a longo prazo das crianças no norte de Moçambique.
- Garantir que as perspectivas das crianças cheguem aos decisores a diferentes níveis, incluindo o governo, agências humanitárias, sector privado e organizações nacionais e doadores internacionais.
- Garantir que as perspectivas das crianças sejam integradas nas sessões de diálogo comunitário, por exemplo, durante as discussões entre a liderança comunitária e crianças em comités de regressados*.
- Responsabilidade perante as crianças, especialmente perante aquelas que participaram neste exercício. Nós partilharemos com eles as conclusões deste relatório, mas também garantir que este é apenas o início do diálogo.
- Continuar a procurar caminhos adicionais para que as crianças participem significativamente no seu próprio desenvolvimento, e particularmente em áreas como Cabo Delgado.



Save the Children

Foto: Colaboradora da Save the Children em discussões num dos grupos focais com raparigas em Palma



Save the Children em Moçambique
Rua 3253, Bairro de Maxaquene C
Maputo, Mozambique
P.O. Box 1854 | T: +258 21 493 140

scimoz@savethechildren.org

www.savethechildren.net | [@savechildrenMoz](https://www.facebook.com/savechildrenMoz) | [@stcmoz](https://www.instagram.com/stcmoz)



Sweden
Sverige

Este material/produto foi financiado pela Agência Sueca de Cooperação e Desenvolvimento Internacional, Sida. A responsabilidade do conteúdo é da inteira responsabilidade do autor. A Sida não partilha necessariamente as ideias e interpretações aqui expressas.